

Geração e/ou gerações?

*Quando morre um ancião é o mesmo que estar queimando
uma biblioteca!*

Maria Sônia Macedo¹

As reuniões da editoria da HH, vez por outra, sobretudo nestes tempos pandêmicos, derivam para uma pauta existencial. O que é um/a autor/a? O que é uma coautoria? Ou, como ao final de nosso meeting (posto que via google) de 28 de agosto deste ano: o que representa ser um/a sênior na academia, em nossa sociedade, na vida? Recordo-me que Ana Carolina Barbosa e Luísa Rauter disseram ou escreveram no chat algo mais ou menos assim: este poderia ser o tema do próximo editorial (que havia sido previamente distribuído para mim, por sugestão de Marcos Sousa, nosso editor-assistente, que considerou que seria uma boa forma para me despedir de minha função de editor-chefe da revista).

Ser sênior, eu alegava, esboçando argumentos mal traçados a partir de uma leitura, possivelmente insatisfatória, da hipótese do atualismo de Mateus Pereira e Valdeir Araujo, não era ser necessariamente desatualizado ou obsoleto. Porém, o fato de eu não estar presente nas redes sociais (postura justificada por certa misantropia e comiseração diante de uma suposta ruína do anonimato, que, na verdade, não dissimula um simples privilégio de homem branco, professor universitário há mais de trinta anos, que pode simplesmente se dar ao luxo de se querer incógnito) não ajudava muito.

Então, como o mágico que tira o coelho da cartola, ou como em uma jogada calculada de forma racional e desesperada por um Aleksiei Ivânovitch, o jogador (de) Dostoiéski, eu apostei em um recurso do qual costume me servir há algum tempo, o pretexto geracional: a senioridade seria tributária da geração. Por exemplo, eu teria sido, comentei com meus/minhas

1 Professora de história na Paraíba e presidenta da Organização dos professores indígenas potiguares (OPIP). Palestra proferida na "Vigília pela Democracia: Dia dos Professores e Professoras", live organizada pela Anpuh-Brasil em homenagem ao dia do/a professor/a em 15 de outubro de 2020.

colegas, alocado em uma geração à qual, em termos etários, eu não pertencia. Nossa mestra, Ângela de Castro Gomes, brinquei, fora a responsável pelo meu envelhecimento precoce, ao me situar na geração encabeçada por Arno Wehling, Lúcia Paschoal Guimarães e Manoel Salgado Guimarães.² Malgrado tenha ficado lisonjeado com o comentário, e apesar de meus laços de amizade com elas e com eles, minha vaidade não era suficiente para aceitar tranquilamente minha inserção nessa geração a qual eu respeitava como modelo de comportamento ético e profissional. Mais do que a diferença de idade, o que por certo me dificultava a identificação era o singelo fato de essa geração ter 10, 15, 20 anos a mais de leitura do que eu... Um dos efeitos de minha compulsão à leitura sempre foi o de me deixar intimidar pela quantidade de obras que cabem em uma existência, notadamente, quando estas pessoas nasceram antes de mim. Reconheço a insuficiência do argumento, sua incapacidade de generalização, mas ele é, ao menos, sincero.

Na editoria, um rápido, no entanto, intenso debate sobreveio à artimanha retórica por mim lançada, após o qual eu anotei em meu caderno de notas: editorial – geração – gerações (Sinerilli – Sirinelli) – ver outras referências (Bluteau & Moraes, Aurélio & Houaiss; falar com Marieta, Durval, Grijó ...). Ficou combinado entre nós que seria um texto mais pessoal e não um ensaio acadêmico sobre o tema, o que não me impediu de fazer minhas consultas: às pessoas e aos textos.

Assim, reli notas antigas sobre o clássico de Mannheim (1927), depois Jaeger na *History and Theory* (1985) que propõe uma história do conceito dos antigos aos modernos, em seguida, li alguns capítulos e artigos de pesquisadoras/es do Brasil que até então desconhecia das áreas de educação, sociologia e da psicologia e, finalmente, ative-me ao calhamaço organizado pelo jovem Yann Potin e pelo sênior Sirinelli intitulado *Générationes historiennes*, que cobre a trajetória de diferentes gerações francesas de historiadoras/es do século XIX ao século XXI, a partir de duas perspectivas que se pretendem generalizáveis:

2 "Se o nome de Manoel Luiz Salgado Guimarães era quase uma exceção, conhecida através de seu artigo seminal de 1988, no primeiro número da revista Estudos Históricos, passadas duas décadas a situação é bem outra, mas ainda há muito a fazer. Embora não seja minha intenção fazer aqui um balanço dessa produção, não se deixar de apontar as contribuições de Lúcia Paschoal Guimarães, Temístocles Cezar e de Arno Wehling". (GOMES 2009, p. 11-12).

a primeira define a “geração historiadora” de maneira horizontal, ou seja, pelo o que a mantém unida, mas também por aquilo que, em seu interior, a divide, sendo sua coesão sustentada por seus debates e controvérsias específicas em um dado momento; a segunda observa tal geração de maneira vertical, em relação àquelas que a antecedem e àquelas que a sucedem (POTIN/SIRINELLI 2019, p. 14).

Em certo sentido, a geração historiadora assemelha-se a uma escola teórica. Para o bem ou para o mal, a geração unifica consonâncias e dissonâncias, pode ultrapassar a que antecede assim como pode ser ultrapassada pela seguinte, mas tende a manter-se sob a guarda de certas concepções mais amplas, seja por questões epistemológicas, seja por questões políticas. Nesse sentido, a “escola dos Annales”, não obstante suas divergências e convergências, ainda é, pelo menos, um rótulo acadêmico de exportação (como o Camembert)³... E até onde eu saiba, entra geração e sai geração e a “escola de Chicago”, desde a época de Milton Friedman, continua a se reproduzir e a causar seus estragos pelo mundo⁴...

Resultado: do balanço demográfico de grupos aparentemente coerentes à explicação prosopográfica, as unidades geracionais parecem-me ainda mais construtos artificiais cujos modos de identificação obedecem a princípios e a regras de formação nem sempre totalmente explícitas. Não obstante, uma coordenada escapa às sombras e aos silêncios, porquanto incontornável, em todas as produções que se dedicam de um modo ou outro ao tema: o tempo. A geração, as gerações são uma das formas de se calcular, de se normatizar, de se controlar e de se viver o tempo, seja ele o cronológico, seja ele o biológico, seja ele o íntimo, seja ele até mesmo o descontínuo.

Não me afastei muito, portanto, de minha impressão inicial de que o conceito de geração opera em um destes âmbitos de razão autoexplicativa (como o tempo para Agostinho, até que lhe perguntassem o que ele era) sobre o qual pouco problematizamos, mas que pode funcionar em uma controvérsia

3 Francois Furet, mais seriamente dizia que “para falar a verdade, não há, desde a origem [dos Annales] escola de pensamento”, mas hegemonia de influência e de reputação. (FURET 1982, p. 5-9).

4 Para uma versão ponderada acerca da ideia de “escola”, ver (ORAIN 2018).

intelectual, nem que seja para criar a sensação de que estamos em uma espécie de refúgio social, um abrigo protetor quando as causas parecem ganhas ou perdidas... Contudo, o problema permanece: se não sou daquela geração, se não sou desta geração, em que limbo de tempo eu vivo? Entre gerações, parece uma solução cômoda. O certo é que a admiração que sentia por aquela, é a mesma que sinto pela atual. Naquela, além de conhecimento e amizade, encontrei amparo e compreensão; nesta, além de amparo e compreensão, encontrei conhecimento e amizade. Sim, é como se eu não tivesse acompanhado seus movimentos, percebido seus ritmos, escutado suas vozes, visto suas cores. No entanto, nesse meu deslocamento imóvel, fui e sou uma testemunha: de como aquela geração construiu uma área de pesquisa, de estudo e de ensino; e de como esta a consolidou, a aprofundou e a descolonizou!

Espero que esta nova edição da HH corrobore, ao menos em linhas gerais, algumas das minhas observações anteriores. Comunico às/aos leitoras/es que a partir da próxima edição teremos uma nova editoria executiva, ampliada e renovada, por sêniores e jovens. Enfim, por gerações que se encontram e se respeitam... E que não queimam, e sim protegem as bibliotecas!⁵

Temístocles Cezar

Porto Alegre, dezembro de 2020.

5 Eu gostaria de agradecer à equipe que compõe a editoria executiva que tive a honra de chefiar nos últimos quase dois anos – Aguinaldo Medeiros Boldrini, Ana Carolina Barbosa Pereira, Ewa Domanska, João Rodolfo Munhoz Ohara, Luísa Rauter Pereira, Mateus Henrique Faria Pereira e Omar Acha – por sua disposição, comprometimento com nosso projeto e pelo companheirismo. Registro um agradecimento especial ao nosso editor-assistente, Marco Eduardo Sousa, pela sua dedicação, competência e por ser um grande mestre da arte da edição que torna a HH mais do que um periódico bem avaliado em nossa área, um modo de ser!

Temístocles Cezar 

t.cezar@ufrgs.br
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Departamento de História
Porto Alegre
Rio Grande do Sul
Brasil

REFERÊNCIAS

FURET, François. **L'atelier de l'histoire**. Paris: Flammarion, 1982.

GOMES, Ângela de Castro. **A república, a história e o IHGB**. Belo Horizonte: Argumentvm, 2009.

JAEGER, Hans. Generations in History: Reflections on a Controversial Concept. **History and Theory**, v. 24, n. 3, p. 273-292, 1985

MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações [Tradução de Cláudio Marcondes], In: FORACCHI, Marialice M. (org). **Karl Mannheim**: Sociologia, São Paulo, Ática, 1982. p. 67-95.

ORAIN, Olivier. Les Écoles en sciences de l'homme : usages indigènes et catégories analytiques. **Revue d'histoire des sciences humaines**, v. 32, p. 7-38, 2018.

SIRINELLI, Jean-François. Génération, générations, Vingtième Siècle. **Revue d'histoire**, n. 98, p. 113-124, 2008/2.

SIRINELLI, Jean-François/POTIN, Yann. (sous la direction de) **Générationns historiennes**. XIX^e-XXI^e siècle. Paris: CNRS Éditions, 2019.